

INTEGRAÇÃO CULTURAL NO AMBIENTE ESCOLAR: ABORDAGENS INCLUSIVAS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

Rodrigo Raphael Assunção Cecim ¹
Cirlane Manoelle Aguiar de Souza ²
Luana Costa Viana Montão ³

RESUMO

Este estudo investiga a prática pedagógica e a cultura. O objetivo é compreender a prática pedagógica de uma docente identificando o papel ocupado pela cultura e a articulação com os conteúdos desenvolvidos no Ensino Fundamental. Para tal finalidade, o estudo adotou a abordagem qualitativa, por meio da pesquisa de campo e revisão bibliográfica. A técnica de coleta de dados foi a entrevista. Os dados analisados permitiram verificar que a docente considera crucial desenvolver conteúdos articulados à cultura e busca integrar diferentes manifestações culturais em sua prática pedagógica. Para tanto incentiva a valorização da diversidade cultural discutindo sobre identidade, tradições e valores culturais. Dentre os desafios enfrentados ela destaca o conflito entre diferentes visões culturais na escola. A prática docente capaz de promover o diálogo intercultural demanda investimentos em capacitação docente, pesquisas e ações voltadas a promover a escola inclusiva e a consequente formação de cidadãos.

Palavras-chave: Práticas pedagógica, Cultura, Ensino fundamental.

INTRODUÇÃO

A cultura desempenha um papel fundamental no processo educacional, influenciando a forma como os alunos aprendem e se desenvolvem. Compreender como os professores lidam com conceitos de cultura em sala de aula é essencial para promover uma educação inclusiva e valorizar a diversidade cultural presente na sociedade.

Neste sentido, a reflexão sobre como os professores abordam os conceitos de cultura em sala de aula não só enriquece a experiência educacional dos alunos, mas também fomenta uma compreensão mais abrangente e inclusiva da diversidade cultural que permeia a sociedade. Isso implica não apenas reconhecer as origens étnicas e culturais dos alunos, mas também integrar práticas pedagógicas sensíveis e respeitadas em relação às diversas expressões culturais presentes na comunidade escolar.

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural da Amazônia - PA, rodrigocecim03@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural da Amazônia - PA, crislanemanoelle@gmail.com;

³ Professor orientador: Doutora em Educação, Instituto Ciberespacial UFRA - PA, luana.viana@ufra.edu.br.

Ao considerar as questões de ordem cultural no ambiente educacional os docentes podem estabelecer um ambiente de aprendizado mais inclusivo e acolhedor, no qual todos os alunos se sintam valorizados e capacitados para atingir seu pleno potencial, independentemente de sua origem cultural ou étnica. Neste contexto, este estudo se propõe a investigar as perspectivas de uma professora da rede regular de ensino sobre cultura e sua aplicação em sala de aula com alunos do Ensino Fundamental. O objetivo é compreender como essa professora trabalha com conceitos de cultura e sua integração no ambiente educacional, identificando os desafios enfrentados e as estratégias utilizadas para superá-los.

Este estudo se organiza em 4 itens, a saber: o item “metodologia” será detalhado o tipo de pesquisa conduzida, o método para a coleta de dados, o público-alvo a ser abordado e o referencial teórico adotado; “referencial teórico” este item apresentará os autores utilizados para fundamentar a perspectiva defendida; “resultados e discussões” serão analisados os dados coletados sobre a perspectiva da professora a respeito de cultura; por fim as “considerações finais” onde será sintetizada as principais contribuições da pesquisa, destacando suas implicações e relevância.

METODOLOGIA

O estudo adotou a abordagem qualitativa utilizando uma entrevista semiestruturada como método de coleta de dados contendo 8 perguntas e respostas abordando a prática docente e inclusão. Para Triviños (1987) a entrevista semiestruturada baseia-se em perguntas fundamentais apoiadas em teorias e hipóteses, que servem como ponto de partida para novas hipóteses, geradas a partir das respostas dos entrevistados. O pesquisador mantém o foco principal, favorecendo tanto a descrição quanto a explicação e compreensão dos fenômenos sociais, e assegura sua participação ativa e consciente na coleta de dados.

Sobre o âmbito qualitativo, Richardson (1999) postula que a pesquisa qualitativa é especialmente válida em situações em que se evidencia a importância de compreender aspectos psicológicos cujos dados não podem ser coletados de modo completo por outros métodos, devido à complexidade que encerram (por exemplo, a compreensão de atitudes, motivações, expectativas e valores).

A coleta de dados foi realizada de forma presencial em um momento que fosse conveniente para ambas as partes, sendo a entrevista conduzida em um ambiente familiar

a entrevistada, visando promover uma atmosfera confortável e descontraída para a entrevistada.

O público alvo abordado na pesquisa foi uma pedagoga, pós-graduada em Neuropsicopedagogia. Ela possui 55 anos, com experiência de 17 anos no magistério, e atualmente atua na rede regular de ensino, possuindo experiência no Ensino Fundamental. Em relação aos aspectos éticos a docente aderiu ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) concordando em participar da pesquisa.

Os dados foram analisados com base na análise de conteúdo proposta por Bardin (1977) que tem como objetivo realizar uma análise sistemática e objetiva de um conjunto de dados, buscando entender seu significado e identificar padrões ou tendências. Com isso, essas técnicas ajudam a obter uma compreensão mais profunda e rigorosa dos dados, permitindo que se chegue a conclusões mais precisas e bem fundamentadas.

Para tanto, a pesquisa contou com as contribuições teórico metodológicas de Vera Candau (2011) que destaca a relevância de reconhecer e valorizar as diferenças culturais dos alunos no ambiente educacional sustentando que o currículo escolar frequentemente desconsidera as múltiplas culturas presentes na sala de aula, o que pode resultar na exclusão e marginalização de certos grupos. Candau enfatiza a necessidade de uma abordagem pedagógica intercultural, que reconheça e integre as diversas perspectivas culturais dos alunos, visando promover uma educação mais inclusiva e equitativa. Outro teórico adotado foi Paulo Freire (1996) que é conhecido por seu trabalho sobre educação libertadora, destacando a importância da conscientização e da prática dialógica no processo educacional. Nesse contexto, a cultura é vista como parte integrante da experiência educacional, influenciando a forma como os alunos constroem conhecimento e se relacionam com o mundo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Vera Maria Candau e Paulo Freire são dois dos principais teóricos brasileiros cujas obras abordam a educação sob perspectivas inovadoras e críticas. Enquanto Paulo Freire, em "Pedagogia da Autonomia" (1996), defende uma prática educativa fundamentada no diálogo, na autonomia e no respeito à dignidade dos educandos, Candau (2011) traz uma análise voltada para as questões multiculturais e as diferenças culturais na educação. Sua contribuição é especialmente relevante para o entendimento de como as práticas

pedagógicas podem e devem se ajustar para incluir as diversidades presentes em sala de aula, promovendo um ambiente educacional mais justo e inclusivo.

A partir do trabalho de Candau (2011) o conceito de multiculturalismo é explorado para além de uma simples aceitação das diferenças culturais. Ela identifica o multiculturalismo como um posicionamento ativo contra as desigualdades e opressões sofridas por grupos minoritários, propondo um currículo que integre e valorize as diferenças culturais dos estudantes, não os deixando à margem do processo de aprendizado e social. Nesse sentido, a autora sugere a necessidade de práticas pedagógicas que reconheçam as múltiplas identidades presentes em sala de aula, utilizando a interculturalidade como um eixo para o desenvolvimento de uma educação crítica e transformadora. A interculturalidade, portanto, deve promover o diálogo e a interação entre culturas, evitando tanto a homogeneização quanto a segregação dos grupos.

Por outro lado, Paulo Freire (1996) enfatiza que ensinar não é apenas transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção. Para o pesquisador o ato de educar deve estar pautado no respeito às singularidades dos educandos, com foco na formação de sujeitos críticos e conscientes de sua capacidade de agir sobre o mundo. Ele defende que o papel do educador é o de um mediador que auxilia na construção do conhecimento, levando os estudantes a se perceberem como protagonistas de suas próprias histórias. Esse processo, no entanto, só é possível através de um ambiente educacional onde a prática docente esteja baseada no diálogo e na promoção da autonomia.

Ambos os teóricos convergem em alguns pontos essenciais para a construção de uma educação democrática e inclusiva. Freire (1996) e Candau (2011) compartilham a ideia de que a educação deve ser um ato político que luta contra as desigualdades sociais e culturais. Enquanto Freire (1996) utiliza o conceito de "conscientização" para fomentar uma educação que liberta, Candau (2011) propõe que a inclusão e a valorização das diversidades culturais sejam estratégias para romper com a educação homogeneizadora e excludente. A abordagem de Candau (2011) complementa a visão freireana ao trazer para o debate a importância de reconhecer e trabalhar com a pluralidade cultural como parte indissociável do processo educativo.

A aplicação das teorias de Candau (2011) e Freire (1996) na prática pedagógica implica em repensar os currículos e metodologias utilizados nas escolas. Neste contexto, o professor deve se posicionar como um facilitador que promove a escuta ativa e o

respeito às diferenças, criando um ambiente que incentive a participação e o protagonismo dos estudantes. Para isso, é fundamental que os educadores se engajem em uma formação contínua e reflitam criticamente sobre suas práticas, de modo a incorporar princípios de justiça social e respeito à diversidade. Assim, a educação passa a ser vista não apenas como um processo de transmissão de conhecimentos, mas como um espaço de transformação social, no qual se constrói uma sociedade mais equitativa e inclusiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo discutiu a abordagem da cultura no ambiente educacional. Neste sentido, a entrevista aplicada incluiu 8 perguntas aplicadas a uma professora a respeito de sua concepção de cultura, bem como de sua aplicação no Ensino Fundamental.

Em relação a concepção de cultura da professora indagamos “para a senhora o que é cultura?” A resposta apresentada pela pedagoga reflete uma abordagem educacional consciente e estruturada, especialmente no contexto do Ensino Fundamental. A referida visão mostra uma compreensão sólida da importância de introduzir conceitos, mesmo que de maneira inicial e não aprofundada, como base para o desenvolvimento futuro dos alunos.

Bom, dentro do Ensino Fundamental, por mais que a gente não aprofunde tanto algumas coisas, nós podemos sim, aplicar alguns conceitos para alinhar os alunos a terem e criarem noção sobre aquilo. Com a cultura não é diferente. Então pra mim, cultura são saberes, modo de vida, religião, veste, linguagem, alimentação entre outras expressões de povo. É dessa forma que mostro aos meus alunos em sala de aula. Eu coloco de forma mais pontual para eles iniciarem o processo de entendimento e mais tarde possam ir evoluindo isso de acordo com a vivência deles.

Ao afirmar que "com a cultura não é diferente", a pedagoga sugere que os conceitos culturais, assim como em outras disciplinas, podem ser aplicados de forma gradual para fomentar o entendimento dos alunos. A definição de cultura que ela utiliza (saberes, modo de vida, religião, veste, linguagem, alimentação, entre outros) demonstra uma visão holística e abrangente, o que é fundamental para uma educação que promova o respeito à diversidade e a consciência cultural.

A prática pedagógica descrita, de introduzir esses elementos "de forma mais pontual", compreendido como uma aproximação inicial ao tema, é coerente com a necessidade de adaptação ao nível de desenvolvimento cognitivo dos alunos nessa faixa

etária. Isso indica que a professora utiliza uma estratégia de ensino que respeita a capacidade de assimilação progressiva dos estudantes, permitindo que eles construam aos poucos uma compreensão mais profunda à medida que amadurecem e se relacionam com suas próprias vivências. No entanto, se “pontual” quer dizer “isolado” em determinadas datas especiais, vale ressaltar que a cultura pode e deve ser problematizada de forma contínua e transversal no currículo escolar e não apenas em datas que focam em temas culturais.

Ao ser questionada com a pergunta “Em sua trajetória profissional, a senhora teve a oportunidade de conviver com alunos de diferentes culturas? Que experiências mais lhe impactaram?” A educadora demonstra uma postura reflexiva e comprometida com o papel da educação na formação dos futuros cidadãos.

Dentro da minha área de atuação eu infelizmente não tive oportunidade de vivenciar tal experiência, mas, procuro sempre me atualizar com algumas formas dos meus alunos ao menos conhecerem outras culturas, numa forma de incentivá-los e fazê-los aceitar a cultura do outro. Isso chama-se Interculturalidade. Eu sou responsável em formar pessoas, então considero meu papel muito importante, porque é na educação básica que esses alunos se alinham nos futuros adultos que vão ser.

Através da entrevista, foi possível constatar a preocupação da profissional em promover o ensino da cultura para seus alunos mesmo sem ter “percebido” que pode ter vivenciado diretamente experiências interculturais. Isto pode demonstrar que a professora ainda não tem uma formação sólida sobre a concepção intercultural em sua prática pedagógica, pois é impossível afirmar que em salas repletas de estudantes não hajam culturas diferentes, histórias diversas e práticas culturais múltiplas. No entanto, a professora revela um esforço contínuo para atualizar suas práticas pedagógicas e expor os alunos a outras culturas. A abordagem de incentivar o respeito e a aceitação da cultura alheia é um aspecto essencial da interculturalidade, que é fundamental na formação de indivíduos mais conscientes e preparados para um mundo globalizado.

Ao reconhecer seu papel como formadora de pessoas, a professora destaca a relevância de sua atuação na construção de futuros adultos, sublinhando a responsabilidade que a educação básica tem nesse processo. Essa visão mostra uma percepção madura sobre como a educação vai além do ensino de conteúdos acadêmicos, envolvendo também o desenvolvimento de competências sociais e culturais, preparando os alunos para viverem em uma sociedade diversa e multicultural. Esta receptividade ao

tema só vem demonstrar que a educadora possui potencial que pode ser desenvolvido se ela tiver acesso a capacitações e recursos para tal.

Candau (2011) postula que abordagens multiculturais na educação não só promovem a discussão sobre os currículos escolares, mas também ajudam a abordar diversas questões, facilitando a percepção e gestão das diferenças na sala de aula. Esta concepção contribui assim para superar o “daltonismo cultural” mencionado por Cortesão e Stoer (1999, p.56). Outro benefício é que esta perspectiva destaca as diferentes linguagens presentes no ambiente escolar diário e conecta o social com o cultural. No entanto, a relação entre didática e multiculturalismo enfrenta desafios, como a necessidade de mudar a percepção de que a diferença é um obstáculo. Na cultura educacional atual, muitos ainda veem a homogeneização como facilitadora do trabalho pedagógico.

Na sequência da entrevista, fizemos a seguinte pergunta “ A senhora costuma desenvolver conteúdos que envolvam a cultura regional? Cite exemplos.”

Sim, sempre faço várias atividades onde eu utilizo músicas, poemas, brincadeiras e contação de histórias. Dentro do sistema de ensino, nós professores devemos estar alinhados com as datas comemorativas do calendário, e é dentro disso que a gente constrói nossos planos de aulas. Hoje em dia as coisas mudaram muito em relação a década de 90, onde os conceitos de cultura eram dados de forma muito rasas, então a gente não abrangia tanto alguns contextos, diferente da atualidade né, onde é muito importante ter uma pesquisa maior sobre os assuntos, respeitando suas informações e assim passá-las aos alunos. Dentro da escola em que eu trabalho, logo no início da semana **é dado um plano de aula para nós seguirmos o seu cronograma**, e nele é mostrado que, antes de qualquer aplicação, é necessário explicar o contexto de forma que exige uma pesquisa do material, e aí sim, depois dos alunos receberem a informação conceitual do que é aquilo em sala de aula, eu posso ir para a aplicação da atividade. Um exemplo disso é a cultura indígena. Em Abril comemoramos o “Dia do Índio”, então, é colocado pra gente trabalhar atividades dentro dessa temática. Afinal, é algo que está na nossa cultura amazônica. No meu tempo de aluna, eu lembro que a gente só vestia roupas indígenas, pintava o corpo e fazia sons com a boca dançando em uma roda. Por mais que lembre como algo divertido, depois que cresci e me formei, percebi na prática o quanto aquilo era algo estereotipado, e se minha professora naquela época tivesse tido essa noção, talvez tivesse feito diferente. Talvez né. Porque por mais que a gente tente, o sistema de ensino é algo que deve ser seguido, então o desafio é esse. Se inovar como professor. Aprendi muito isso com Paulo Freire dentro da minha formação. Então quando aplico uma atividade dentro da cultura indígena, eu aprofundo mais o contexto, falando de tribos, quer dizer, tribos não né, grupos indígenas. “Tribos” é uma forma estereotipada de se referir a eles. “Índios” também, o nome correto é “indígenas”. A educação mudou muito, mas ainda precisa de reforço para que essa mudança continue sempre. Tento fazer minha parte. (grifo nosso)

Os resultados mostram que a docente valoriza profundamente o desenvolvimento de conteúdos culturalmente relevantes, buscando integrar diversas manifestações culturais em sua prática pedagógica. Ela faz uma comparação reflexiva com sua própria

experiência como aluna, reconhecendo as mudanças significativas que o ensino passou ao longo do tempo. Em relação à cultura indígena, a professora demonstra um alinhamento com saberes autênticos, evitando a reprodução de estereótipos superficiais. Porém, é interessante ressaltar que ela afirma receber os planos de aula e não que ela mesma os faz. Isto nos leva a refletir que tipo de autonomia é dado a esta docente para que de fato supere as práticas aos quais esteve exposta quando foi estudante e caminhe em direção a uma visão mais abrangente de prática pedagógica embasada na interculturalidade.

Freire (1996) ressalta que “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”, e a prática da docente reflete exatamente isso. Sua abordagem sensível e inclusiva evidencia a criação de um ambiente de aprendizado acolhedor, onde a diversidade cultural é valorizada. Ao promover discussões sobre identidade, tradições e valores culturais, ela incentiva uma compreensão mais ampla do mundo entre seus alunos. Freire (1996) reforça a relevância dessa postura ao afirmar que a educação deve ser um ato de liberdade, e não de dominação, algo que a docente claramente incorpora em sua metodologia.

Seguindo, perguntamos a professora: “Em sua opinião, quais as possíveis contribuições em trabalhar conteúdos relacionados à cultura na escola?”, e ela prontamente responde:

Ah, muitas coisas. Em primeiro lugar, conhecimento. Esse é o ponto principal. É a informação que move o mundo, e “conhecimento é poder”. Além disso, respeito, pois com o conhecimento, a noção de respeito vem logo a seguir, pois como falei antes, isso é muito importante para se criar a empatia pela cultura do outro, dando aos alunos com experiência obtida em sala de aula, algo que podem (e devem) levar para a vida deles.

Ao refletir sobre as contribuições do trabalho com conteúdos culturais na escola, a professora destaca o "conhecimento" como o principal benefício. Esse aspecto vai ao encontro da concepção freireana de que o conhecimento é um instrumento de empoderamento e transformação social. Freire (1996) reforça que, ao compreender o mundo ao seu redor, o educando se torna capaz de agir de maneira crítica e consciente, rompendo com as opressões e desigualdades sociais. A educadora pontua que o conhecimento não apenas amplia a compreensão dos alunos sobre a diversidade cultural, mas também fomenta o respeito e a empatia, elementos que Freire considera essenciais para a convivência democrática e o desenvolvimento humano. Ao afirmar que “conhecimento é poder”, a professora reforça a ideia de que a educação é um meio para fortalecer o protagonismo dos estudantes e suas capacidades de interação com a sociedade de forma mais justa e solidária.

A visão da professora também ressoa com os princípios defendidos por Moreira e Candau (2008) sobre a educação multicultural. Segundo a autora, trabalhar com a cultura na escola possibilita a construção de um currículo que reflita as identidades e diferenças presentes na sociedade, promovendo o reconhecimento do "outro" e a valorização das diferentes formas de expressão cultural. Candau sugere que a abordagem multicultural no ambiente escolar não deve se limitar a apresentar a diversidade, mas sim estimular práticas pedagógicas que contribuam para uma conscientização crítica dos alunos sobre as dinâmicas de poder e desigualdade.

Além disso, a ênfase no desenvolvimento de respeito e empatia que a educadora menciona alinha-se à perspectiva intercultural de Candau, que propõe uma prática pedagógica baseada no diálogo e na reciprocidade. A autora defende que a sensibilização para as diferenças culturais deve ser contínua e intencional, permitindo que os alunos construam uma visão de mundo aberta e inclusiva. Nesse sentido, ao oferecer experiências concretas em sala de aula sobre a diversidade cultural, a escola se torna um espaço privilegiado para a formação de sujeitos críticos, éticos e socialmente engajados. Diante do relato da professora resta refletir se trabalhar em uma perspectiva intercultural se limita apenas a fomentar o respeito ou se existe a necessidade de uma compreensão cada vez mais profunda do “outro” que nos permite vê-lo não como inferior, mas como um ser humano, com dignidade, história e saberes igualmente valiosos.

A respeito de práticas realizadas pela professora questionou-se: “A senhora poderia destacar uma experiência exitosa envolvendo temas culturais que aplicou em sala de aula? Fale sobre isto”. A professora relatou uma situação na qual vivenciou um aluno abordando um estereótipo e teve a oportunidade de ressignificar a visão dos estudantes a respeito do assunto:

Então né, sempre que faço atividades com desenho e pintura utilizando tinta ou lápis de cor, uma criança se aproximou e disse para mim: professora você poderia me dar o lápis cor de pele? Perguntei a ela qual cor de pele você deseja pintar? Então a criança respondeu assustada: existe outra cor de pele? Nesse momento pedi para que todos se aproximassem e colocassem seus braços em cima da minha mesa e disse a ela para observar quantas cores de pele tínhamos de diferente, e a partir daquele momento ela pegava o lápis marrom, preto, cinza e outros tons próximos. Eu vi que a situação necessitava de uma intervenção incisiva, e senti que os alunos entenderam aquilo, sendo a intenção justamente instruí-los e promover a inclusão.

A experiência relatada pela professora revela uma prática pedagógica sensível e propositiva alinhada aos princípios de uma educação multicultural e crítica, como sugerido por Moreira e Candau (2008). Ao lidar com a situação em que uma criança pediu

um "lápiz cor de pele", a professora não apenas respondeu à dúvida, mas transformou esse momento em uma oportunidade de ensino e conscientização para toda a turma. Ao incentivar os alunos a compararem seus diferentes tons de pele, ela promoveu um diálogo inclusivo que evidenciou a pluralidade racial presente na sala de aula, desconstruindo a noção de que existe uma única "cor de pele" padrão. Tal prática é um exemplo claro de como os educadores podem intervir pedagogicamente para combater estereótipos e preconceitos desde a infância.

A ação da professora também dialoga com a abordagem de Paulo Freire (1996) na "Pedagogia da Autonomia", na qual ele defende a importância de práticas educativas que estimulem a reflexão crítica e a construção do conhecimento de maneira dialógica e emancipadora. Ao invés de oferecer uma resposta simplista à pergunta da criança, a professora optou por promover uma discussão que envolveu toda a turma, valorizando o ponto de vista dos estudantes e estimulando-os a questionarem suas concepções prévias. Freire sustenta que é através do diálogo e da problematização que o educando se apropria do conhecimento de forma significativa, desenvolvendo uma consciência crítica que lhe permite compreender e interagir com o mundo de maneira mais assertiva e transformadora.

Além disso, a postura da docente ao abordar o tema das cores de pele na aula de arte reflete a proposta de Candau para o desenvolvimento de uma pedagogia intercultural, que parte do reconhecimento das diferenças e incentiva a valorização das múltiplas identidades presentes no espaço escolar. A prática descrita, de reunir os alunos para observar a diversidade de cores de pele e, a partir disso, ampliar o repertório de cores utilizadas nas pinturas, contribui para a formação de um ambiente inclusivo e respeitoso. Candau ressalta que a interculturalidade deve ser vista como uma construção dinâmica e permanente, na qual as interações entre diferentes culturas se dão em condições de igualdade e respeito. Nesse contexto, a intervenção da professora é um exemplo de como a escola pode promover práticas educativas que não apenas incluam, mas também celebrem a diversidade, incentivando uma convivência harmoniosa e a construção de identidades positivas entre os alunos.

Dessa forma, a experiência relatada reflete a capacidade da professora de utilizar um momento cotidiano para gerar aprendizado e conscientização, desmistificando conceitos arraigados e contribuindo para a construção de uma educação baseada no respeito à diversidade e na promoção de uma cidadania plena e democrática.

Referindo-se a prática da educadora e seus respectivos empecilhos perguntamos: “Quais os desafios e dificuldades que a senhora enfrentou ou enfrenta para desenvolver conteúdos relacionados a cultura em sala de aula?” A resposta possibilitou compreendermos elementos cruciais que desafiam o cotidiano docente abarcando o âmbito mais social da realidade escolar:

A maior dificuldade que tenho é a família e a religião que possuem, pois esse é o meio em que a criança vive, rodeada de preconceitos e tabus. Então é nesse momento onde eu tenho de ter muito cuidado ao abordar outras culturas, pois não pode parecer que eu estou impondo algo. A intenção não é essa. O que quero é simplesmente incentivar os meus alunos a conhecerem outras culturas, com isso, vem também a intenção de evitar julgamentos equivocados que gerem conflitos entre a cultura um do outro, e os maiores desafios disso são as famílias. A grande maioria é muito fechada em suas próprias culturas e crenças, e com isso vem também a religião. Por isso que devo ter cuidado, pois nada do que ensino pode ferir algum valor de identidade em algum aluno. Isso acaba me obrigando a estudar sobre outras culturas, pois preciso instruir meus alunos de forma correta e respeitar as demais religiões com todas as informações nelas contidas.

A resposta da professora evidencia um dos desafios mais complexos enfrentados no contexto educacional ao trabalhar com conteúdos relacionados à cultura: a influência dos valores familiares e religiosos na formação dos alunos. Ao destacar que as famílias e as crenças religiosas são obstáculos para o desenvolvimento de temas culturais em sala de aula, a educadora revela a necessidade de um equilíbrio delicado entre a promoção do conhecimento e o respeito às identidades culturais dos educandos. Essa questão é abordada por Moreira e Candau (2008) ao discutir a educação intercultural, enfatizando que a prática pedagógica precisa considerar as experiências culturais e os contextos socioculturais nos quais os alunos estão inseridos, evitando a imposição de perspectivas que possam ser percebidas como desrespeito ou confronto aos valores familiares.

A professora menciona que deve tomar cuidado para que seu trabalho com outras culturas não seja interpretado como uma tentativa de imposição, mas sim como um incentivo ao conhecimento e ao respeito pela diversidade. Esse aspecto está em consonância com a perspectiva de Freire (1996), que propõe a prática educativa como um ato de amor e respeito, em que o educador deve assumir uma postura de acolhimento, dialogando com as vivências dos alunos e construindo pontes entre os diferentes saberes. Freire reforça que a educação deve ser um processo de troca, no qual o educador e o educando se educam mutuamente.

Dentro do âmbito religioso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) também reforça e se alinha à importância de tratar questões religiosas de forma inclusiva e

pluralista. O Ensino Religioso, como componente curricular, deve promover o respeito à diversidade cultural e religiosa presente nas escolas brasileiras, garantindo que diferentes tradições religiosas sejam reconhecidas e respeitadas, sem que isso conflite com os princípios de laicidade do Estado. A BNCC propõe que o ensino religioso seja uma oportunidade de promover o diálogo inter-religioso, incentivando a compreensão mútua entre os alunos e evitando que qualquer prática pedagógica seja vista como imposição de crenças. (Brasil, 2017, p. 455).

Nesse sentido, a educadora adota uma postura de estudo e respeito pelas diferentes religiões e culturas, buscando conhecer mais a fundo as particularidades de cada uma para garantir que suas aulas sejam respeitadas e acolhedoras. Moreira e Candau (2008) argumentam que os desafios relacionados à inclusão das temáticas culturais na escola muitas vezes estão ligados à resistência e ao preconceito presentes nas comunidades e nas famílias dos alunos. Os autores defendem que o papel do educador é fundamental para criar espaços de diálogo e reflexão, nos quais as diferenças culturais e religiosas possam ser discutidas de maneira respeitosa e inclusiva.

A preocupação expressa pela professora em não ferir os valores de identidade dos alunos e suas famílias demonstra um compromisso com uma pedagogia que valoriza a alteridade e a negociação cultural. Essa abordagem está em sintonia com o conceito de interculturalidade, que se baseia no reconhecimento e na legitimação das diferentes formas de ser e estar no mundo, sem hierarquização ou imposição.

Além disso, ao afirmar que precisa se aprofundar no estudo de outras culturas para abordar esses temas de forma correta, a professora evidencia a importância da formação continuada dos educadores, um ponto crucial defendido por Freire (1996) na "Pedagogia da Autonomia". O autor acredita que o educador deve ser um eterno aprendiz, disposto a estudar e a se reeducar continuamente para melhor compreender o universo cultural de seus alunos. Assim, a prática pedagógica se torna um processo constante de reflexão e aprimoramento, no qual o educador amplia sua compreensão de mundo e suas competências para lidar com a diversidade.

Portanto, os desafios mencionados pela professora revelam a complexidade de trabalhar com conteúdos culturais na escola, exigindo uma prática pedagógica fundamentada no respeito, no diálogo e na sensibilidade para evitar a reprodução de preconceitos e tabus, sem desconsiderar a pluralidade de crenças e valores que coexistem no ambiente escolar.

Ao abordarmos as estratégias que a docente poderia sugerir para solucionar as dificuldades apontadas perguntamos “A senhora poderia nos dar sugestões de como estas dificuldades e desafios podem ser superadas?”

Olha, por mais que eu tente fazer a minha parte, a escola em que eu trabalho também precisa fazer a dela, e acredito que isso aconteça por meio de palestras com profissionais da área, vídeos, diálogos formais, reuniões. Não que isso deixe de ter na escola onde trabalho, mas o trabalho de conscientização precisa ser muito maior, pois o estímulo à empatia e respeito precisa ser contínuo.

A análise das sugestões apresentadas pela pedagoga para a superação das dificuldades e desafios enfrentados na prática pedagógica revela uma preocupação profunda com a construção de um ambiente educacional mais acolhedor e colaborativo. A professora sugere que a escola precisa adotar uma postura mais ativa por meio de palestras, vídeos, diálogos formais e reuniões, evidenciando um entendimento de que o processo educativo ultrapassa os limites da sala de aula. Essa visão se tangencia com a abordagem freireana, que propõe a prática educativa como um ato político, ético e solidário, no qual a comunidade escolar deve se envolver ativamente. Freire (1996) argumenta que a educação deve promover um espaço de escuta e construção conjunta, em que a conscientização sobre o respeito e a empatia seja uma prática constante e não apenas pontual.

A pedagogia crítica defendida por Candau (2011), ao tratar do multiculturalismo e das diferenças culturais, reforça a necessidade de um trabalho contínuo de conscientização e sensibilização dos agentes educativos. A autora sublinha que a escola deve atuar como um espaço onde se promovam discussões sobre pluralidade cultural e combate à discriminação, por meio de ações que estimulem o reconhecimento e a valorização das diferenças. Nesse contexto, as sugestões da professora vão ao encontro da proposta de Candau, ao mencionar que o estímulo à empatia e respeito precisa ser contínuo, o que reflete uma visão pedagógica engajada na construção de uma sociedade mais inclusiva e democrática. Assim, a superação dos desafios passa pela implementação de práticas educativas que estejam alinhadas aos princípios da educação intercultural, conforme preconizado por Candau.

Em relação aos recursos empregados em uma prática pedagógica intercultural perguntamos: “Quais recursos você costuma utilizar em sala de aula para trabalhar conteúdos relacionados à cultura? Justifique”. O relato da professora destacou o papel da arte cinematográfica e de livros para desenvolver o tema:

Eu utilizo muitas curta metragens relacionada ao assunto, e “Min e as Mãozinhas” é um exemplo disso, que se trata de uma animação de vários episódios que mostra o dia-a-dia de uma menina surda e muda, abordando a cultura desse grupo em específico, assim como histórias contadas oralmente, e a última que contei foi a da “Malala” que conta a história de uma mulher que de fato existe historicamente, e por meio de uma adaptação em livro infantil “Malala – A menina que queria ir para escola”, pude não só explanar uma outra cultura, mas também dar importantes lições que a obra traz aos meus alunos, com isso possibilitando e facilitando o aprendizado. Não é sempre que a instituição me dá os recursos necessários, então eu procuro formas de viabilizar isso com minhas próprias mãos.

A resposta da professora indica uma abordagem didática diversificada e inovadora no uso de recursos para trabalhar conteúdos culturais em sala de aula, utilizando materiais que dialogam com as diferentes linguagens e expressões culturais dos alunos. A educadora menciona a utilização de curtas-metragens, como “Min e as Mãozinhas”, e livros adaptados, como “Malala – A menina que queria ir para a escola”, exemplificando estratégias que engajam os estudantes por meio de recursos visuais e narrativos. A escolha desses recursos é coerente com a perspectiva de Vera Candau (2008) sobre a importância de utilizar materiais didáticos que reflitam a pluralidade cultural e possibilitem o reconhecimento de diferentes identidades no ambiente escolar. Candau defende que os recursos pedagógicos devem ser selecionados de forma a representar a diversidade cultural e, ao mesmo tempo, fomentar uma postura crítica e reflexiva nos estudantes.

Além disso, a seleção de recursos que abordem a cultura de grupos específicos, como a comunidade surda, é uma prática que favorece a construção de um ambiente inclusivo, onde os alunos têm a oportunidade de aprender sobre realidades diferentes das suas. Essa postura também reflete a preocupação de Paulo Freire (1996) em promover um ensino que se vincule à realidade dos educandos, mas que também amplie seu horizonte de conhecimento e compreensão do mundo. Freire acredita que os recursos didáticos, quando utilizados de forma contextualizada e significativa, potencializam o processo de ensino-aprendizagem e contribuem para a formação de sujeitos críticos. A escolha por animações e narrativas que abordam temas como deficiência e direitos humanos demonstra a intenção da professora de apresentar a diversidade de maneira acessível e sensibilizadora, estimulando a empatia e o respeito nos alunos.

Outro ponto relevante destacado pela professora é a adaptação dos recursos disponíveis para viabilizar o trabalho com conteúdos culturais. A dificuldade em obter materiais pedagógicos adequados na escola revela um desafio comum no contexto educacional, que muitas vezes carece de suporte institucional para o desenvolvimento de práticas educativas mais inclusivas e culturalmente orientadas. Nesse sentido, a atitude

da professora de buscar alternativas e de investir em recursos por conta própria demonstra um compromisso com o ofício e a disposição de proporcionar experiências de aprendizagem enriquecedoras aos seus alunos. Essa prática está alinhada à concepção de Freire (1996) sobre a autonomia do educador, que deve ser proativo e criativo na superação das limitações estruturais e contextuais da escola.

Moreira e Candau (2008) também reforçam a importância de os educadores buscarem formas alternativas de ensinar, especialmente quando enfrentam a falta de recursos. Segundo a autora, a inovação pedagógica e a capacidade de adaptação são fundamentais para garantir que os alunos tenham acesso a uma educação que contemple a diversidade cultural e promova a inclusão. A utilização de narrativas como a de Malala, por exemplo, contribui para a valorização das histórias e vivências de mulheres que desafiaram barreiras culturais e sociais, ampliando a compreensão dos alunos sobre questões de gênero, direitos humanos e igualdade de oportunidades.

Assim, a escolha de recursos como vídeos e livros que representem culturas e contextos variados demonstra um esforço pedagógico para tornar a sala de aula um espaço de diálogo intercultural e de conscientização. Ao proporcionar esses momentos de interação com a cultura e com o “outro”, a professora incentiva a construção de uma comunidade escolar mais aberta e sensível às diferenças, alinhando sua prática com as diretrizes da educação intercultural proposta por Candau e com os princípios de uma pedagogia crítica e transformadora, como defendido por Freire.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo investigou a prática pedagógica e a cultura com o objetivo de compreender a prática pedagógica de uma docente identificando o papel ocupado pela cultura e a articulação com os conteúdos desenvolvidos no Ensino Fundamental.

As perspectivas da professora entrevistada revelaram um compromisso em integrar conceitos de cultura em suas práticas pedagógicas, reconhecendo a diversidade cultural como um recurso enriquecedor para o processo de ensino e aprendizagem. No entanto, os desafios identificados, como o conflito entre diferentes visões culturais na sala de aula, destacam a necessidade de abordagens mais abrangentes e estratégias de intervenção para promover o diálogo intercultural e superar barreiras à inclusão.

Desta forma, ressaltamos que futuras pesquisas podem explorar mais a fundo essas questões em diversos ambientes educacionais, investigando o impacto das práticas pedagógicas centradas na cultura na experiência educacional dos alunos e desenvolvendo recursos e capacitação para professores que buscam promover uma educação mais inclusiva e culturalmente sensível.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por me conceder saúde, sabedoria e força para seguir em frente e por iluminar o caminho que percorri durante todo o desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus pais, Washington Pereira e Kátia Cecim, e à minha irmã, Amanda Cecim, expresso minha profunda gratidão pelo suporte incondicional. Por mais que às vezes falte apoio emocional por parte de alguns, vocês como um todo sempre me incentivaram de alguma forma a buscar o melhor e a não desistir, além do apoio material. Sem o exemplo de dedicação e perseverança que recebi de vocês, por suas histórias de vida em si, este momento não seria possível.

À minha esposa, Tatiane Tendziagolskis, e ao meu filho, Adrik Cecim, agradeço pelo apoio incondicional e pela compreensão nos momentos em que precisei me ausentar para dedicar tempo aos estudos e à pesquisa. Tatiane, sua paciência e encorajamento foram essenciais para que eu me mantivesse focado e determinado. Adrik, você é a inspiração que me motiva a buscar sempre ser melhor.

Agradeço também à minha orientadora, Luana Montão, pelas orientações, paciência e apoio durante todas as etapas deste trabalho. Sua dedicação e compromisso com o desenvolvimento acadêmico foram fundamentais para o aprimoramento deste artigo. Estendo meus agradecimentos aos professores Zilda Moraes e Salomão Habib, cujas experiências e saberes compartilhados dentro do Ensino Infantil enriqueceram significativamente minha formação e visão educacional.

À professora Nalva Costa, expresso minha gratidão pela colaboração e contribuições valiosas durante esta pesquisa. Sua generosidade em compartilhar conhecimentos e insights possibilitou reflexões profundas e ampliou a qualidade do trabalho desenvolvido.

Por fim, um agradecimento especial às minhas avós, Cleide Cecim e Terezinha Assunção, que sempre acreditaram em mim e me apoiaram incondicionalmente. Sua

confiança e carinho foram fontes constantes de motivação para que eu seguisse em frente, mesmo diante das adversidades. A promessa de superar cada desafio está, aos poucos, se cumprindo, e dedico este trabalho a vocês, cuja fé e amor me acompanharam até o fim.

Como co-autora deste artigo gostaria também de expressar gratidão à minha mãe, Maria Cristiane, nenhuma palavra seria capaz de expressar a profundidade do meu agradecimento por tudo que você fez e continua a fazer por mim. Sua dedicação, seus sacrifícios e, acima de tudo, seu amor inabalável me moldaram e me guiaram ao longo da vida. Você foi meu primeiro exemplo de coragem e minha fonte constante de inspiração. Cada conquista minha carrega um pedaço seu, pois foi você quem plantou as sementes da fé, da resiliência e da esperança em mim. Nos dias mais difíceis, sua força era meu apoio; nos momentos de dúvida, suas palavras eram a certeza de que eu poderia ir mais longe.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, C. R. et al. **Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas**. 2 ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 out. 2024.

BRASIL. Conselho Nacional da Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001. **Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica**. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de setembro de 2001. Seção IE, p. 39-40. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em: 04 out. 2024.

CANDAU, Vera Maria. **Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas**. Currículo sem Fronteiras, v.11, n.2, p. 240-255, Jul./ Dez. 2011. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss2articles/candau.pdf> Acesso em julho. 2024.

CASTRO, P. A.; SOUSA ALVES, C. O.. **Formação Docente e Práticas Pedagógicas Inclusivas**. E-Mosaicos, V. 7, P. 3-25, 2019.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 25ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas.** 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** São Paulo: Atlas, 1999.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.